



[Home](#)

[Manchetes](#)

[tendendo](#)

[esporte](#)

[entretenimento](#)

[tecnologia](#)

[mundo](#)

[economia](#)

Formulário de Contato

HOME → MANCHETES

Novo ministro do Meio Ambiente do Brasil enfrenta um grande desafio na Amazônia



Posted by Adriana Costa — 20 de agosto de 2021 in Manchetes

0

[Share on Twitter](#)

[Share on Facebook](#)

[Share on Google+](#)



[Home](#)

[Manchetes](#)

[tendendo](#)

[esporte](#)

[entretenimento](#)

[tecnologia](#)

[mundo](#)

[economia](#)

[Formulário de Contato](#)

Os ativistas esperam que a nomeação de um novo ministro do meio ambiente no Brasil sinalize uma mudança de direção para um governo que minimizou as mudanças climáticas e presidiu um aumento maciço no desmatamento na floresta amazônica.

Joaquim Pereira Leite, praticamente desconhecido há poucos meses, ocupa agora um dos mais importantes cargos na política climática. O homem de 46 anos tem a tarefa de salvar a Amazônia em um momento em que o ecossistema vital está em perigo devido à escalada das mudanças climáticas e do desmatamento antrópico.

A destruição do bioma não é mais uma perspectiva distante. Seu impacto já é sentido quando o Brasil é atingido por uma forte seca, e os cientistas alertam que novos desmatamentos terão um efeito ainda mais devastador na América Latina e no mundo.

O antecessor de Leite, Ricardo Salles, ridicularizado pelos críticos como o “ministro anti-ambiental”, defendeu a abertura da floresta à atividade comercial e renunciou em junho em meio a acusações, que ele nega, de ter conivente com madeireiros ilegais.

Agora os ativistas esperam que a nomeação de Leite seja o sinal de uma nova abordagem do governo brasileiro sobre as mudanças climáticas.

A primeira tarefa de Joaquim Alvaro Pereira Leite será lidar com o desmatamento © MMA / flickr

“Acho que Leite é muito menos ideologicamente carregado do que Salles. Poderia ser mais técnico e menos sujeito a polêmica”, disse Raoni Rajão, um importante acadêmico ambiental da Universidade Federal de Minas Gerais.

Ambientalistas alertam, no entanto, que a capacidade de Leite de reorientar a postura do Brasil sobre o meio ambiente será limitada pelo presidente Jair Bolsonaro, que tem pouco interesse na preservação e conta com legiões de garimpeiros, madeireiros e fazendeiros. Imigrantes ilegais da floresta tropical entre seus principais eleitores base.

“Uma coisa que devemos deixar claro é que Ricardo Salles era o operador do presidente Jair Bolsonaro. Então o atual ministro, se ele quiser fazer alguma coisa, terá que parar de ouvir o presidente”, disse Marina Silva, ex-ministra do Meio Ambiente do governo de esquerda do Partido dos Trabalhadores.

Bolsonaro não falou publicamente sobre Leite, que foi cafeicultor e assessor agrícola durante anos antes de ingressar no ministério em cargos de alto escalão em 2019. Sua nomeação como ministro foi anunciada em um curto comunicado, dizendo simplesmente: “Ele saberá como avançar ainda mais na melhoria dos problemas ambientais do Brasil, maior potência agroambiental do planeta”.

“ *sim [Leite] ele ia promover mudanças estruturais, já estaríamos ouvindo sobre as propostas. A impressão que tenho é que continuará com a atual agenda do governo.*

[Sobre nós](#)

[DMCA](#)

[Formulário de Contato](#)

[política de Privacidade](#)

[Política editorial](#)

Suely Araújo, ex-presidente do Ibama, principal órgão ambiental do Brasil, reconheceu que Leite era “menos barulhento” que Salles, mas alertou sobre seus laços históricos com o que ela chama de “a parte mais arcaica da agricultura”.

“Sim [Leite] ele ia promover mudanças estruturais, já estaríamos ouvindo sobre as propostas. A impressão que tenho é que continuará com a atual agenda do governo.

“Para permanecer no governo, o ministro tem que ser fiel ao que está sendo feito. O projeto de desmantelamento ambiental é do presidente Bolsonaro”, acrescentou.

O desmatamento aumentou desde que o líder de direita chegou ao poder em 2019. No ano passado, mais de 11.000 quilômetros quadrados da floresta amazônica foram arrasados, uma área sete vezes o tamanho de Londres e a maior taxa em 12 anos.

O número de incêndios, uma importante fonte de emissões de carbono, também aumentou, com a nação latino-americana relatando o maior número de incêndios naquele mês em 14 anos em junho. Ao mesmo tempo, o governo brasileiro cortou os orçamentos de seus órgãos ambientais, como o Ibama, que trabalham para preservar florestas e parques nacionais.

Teresa Vendramini, diretora da Sociedade Rural Brasileira, associação agrícola onde Leite trabalhou como assessor por 20 anos antes de ingressar no ministério, disse que o maior desafio do novo ministro é combater o desmatamento ilegal, madeireiros e grileiros. “Mas estamos aprendendo que não depende só do ministério, mas também do Ibama, da Polícia Federal, de todos”.

O desmatamento é freqüentemente impulsionado por uma miríade de redes de interesses ilegais, incluindo madeireiros, selvagens garimpeiros de ouro, fazendeiros e até sindicatos criminosos. Normalmente, os incêndios são iniciados para limpar a terra depois de limpar uma área de floresta.

Os incêndios também podem ser causados por secas. Um estudo realizado no mês passado pelas Universidades de Oxford e Lancaster descobriu que a seca e os incêndios florestais após o evento climático El Niño de 2015-16 destruíram mais de 2,5 bilhões de árvores e videiras lenhosas na área mais afetada da floresta tropical.

Os cientistas agora temem que as mudanças climáticas cada vez mais severas se combinem com o desmatamento feito pelo homem para empurrar a floresta além de seu “ponto de inflexão”, onde ela não pode mais sustentar seu ecossistema de reciclagem de água. Isso faria com que a floresta morresse rapidamente e provocaria severas flutuações climáticas na América Latina e em todo o mundo.

Recomendado

“O primeiro grande desafio de Leite é combater o desmatamento, é sua maior responsabilidade. Nosso último ministro deu pouca atenção a isso”, disse André Guimarães, diretor do Instituto de Pesquisas Ambientais da Amazônia.

Leite, que ingressou no Ministério do Meio Ambiente em seu departamento florestal antes de chefiar a secretaria da Amazônia, recusou os pedidos de entrevista e tem silenciado sobre os desafios que o Brasil enfrenta na floresta tropical.

Em comentários públicos no mês passado, no entanto, ele enfatizou a importância de “trabalharmos juntos. . . para integrar o [armed] Forças do Ministério da Defesa e do Ministério da Justiça e Segurança Pública no combate ao desmatamento ilegal e à mineração ilegal”.

Em julho, o governo brasileiro realocou as Forças Armadas para combater o desmatamento. A missão segue um desdobramento prévio de dois anos das Forças Armadas na Amazônia, que foi amplamente considerado um fracasso, pois não impediu o aumento do desmatamento.

Observadores dessa missão, de codinome Brasil Verde, disseram que os militares não eram ágeis o suficiente para capturar gangues de madeireiros e mineiros altamente móveis e bem adaptados ao clima e terreno da floresta.

Informações adicionais de Carolina Pulice

Capital do clima

Onde a mudança climática encontra negócios, mercados e política. Explore a cobertura do FT aqui.

Curioso sobre os compromissos de sustentabilidade ambiental da FT? [Saiba mais sobre nossos objetivos baseados na ciência aqui.](#)